



The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search

<http://ageconsearch.umn.edu>

aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

No endorsement of AgEcon Search or its fundraising activities by the author(s) of the following work or their employer(s) is intended or implied.



**IMPACTO DA POLÍTICA CAMBIAL NAS EXPORTAÇÕES DE FRANGO APÓS
A IMPLANTAÇÃO DO PLANO REAL (1994-2004)**

FRIDA LILIANA CARDENAS DIAS; JOSÉ GILBERTO DE SOUZA;

FCAV-UNESP

JABOTICABAL - SP - BRASIL

gilbert@fcav.unesp.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

POLÍTICAS SETORIAIS E MACROECONÔMICAS

**IMPACTO DA POLÍTICA CAMBIAL NAS EXPORTAÇÕES DE FRANGO APÓS
A IMPLANTAÇÃO DO PLANO REAL (1994-2004)**

Grupo de Pesquisa: Políticas Setoriais e Macroeconômicas

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa as inflexões nas exportações brasileiras de frango a partir da implantação do plano real, considerando os impactos da política cambial adotada no período em tela.

As evoluções das exportações e das importações refletem em grande parte as direções assumidas ao longo do período pela política cambial e comercial, bem como por outros instrumentos de política econômica que afetam o comércio exterior. A partir de meados de 1994, a âncora cambial instituída pelo Plano Real passou a cumprir papel importante na política de combate à inflação, pressionando para baixo os preços dos bens comercializáveis. Para a teoria econômica a taxa de câmbio real é uma das variáveis de influência relevante na determinação do saldo comercial, principalmente em economias emergentes como a brasileira. Como tendência geral as exportações guardam relação direta com a taxa de câmbio e as importações, inversamente, resultam em redução dos saldos comerciais nos períodos de valorização e aumento nos períodos de desvalorização cambial.

A carne de frango representa mais de 90% de comércio de carne de aves do mundo. Todos os continentes produzem desde a granja até o processamento industrial, colocando o segmento avícola como importante fornecedor de proteínas.

No Brasil o setor avícola tem apresentado dinamicidade. Com um significativo crescimento nas últimas décadas devido ao desenvolvimento e adequação de novas tecnologias e a eficiência de sua produção, constituiu-se uma das cadeias produtivas mais



competitivas que levou o país ao primeiro lugar nas exportações mundiais. Notabilizou-se o setor por profundas mudanças ocorridas nos últimos anos, evoluindo por meio da absorção de contribuições advindas da biotecnologia e das tecnologias complementares da microeletrônica e da automação.

Por na vez, todos estes fatores competitivos sofreram fortes influências do mercado externo e das condições gerais de exportação que se alteraram no período de 1994-2004, particularmente no que se refere à política cambial.

2. Determinantes na mudança do padrão de competitividade da agricultura brasileira a partir dos anos noventa

Segundo Jank (2005), nas últimas cinco décadas, o único período que, de fato, produziu resultados concretos de política comercial foi o compreendido entre a segunda metade dos anos 1980 e a primeira metade dos anos 1990. Três eventos paralelos redesenharam a competitividade e a inserção internacional brasileira nesse curto período de tempo:

- A abertura unilateral da economia nacional, com a redução da tarifa média de importação de 55% para os atuais 12%;
- A Rodada Uruguai do Gatt, que fixou novas disciplinas multilaterais em temas importantes para o comércio; sendo a agricultura de grande relevância, e
- O primeiro quinquênio do Mercosul, que transformou esta região em principal foco de política regional brasileira.

Os governos de Collor de Mello e Itamar Franco destacaram-se pela abertura comercial, eliminação dos subsídios e controles de preços e pela desregulamentação dos mercados. O campo continuou aumentando a produção, praticamente sem incorporar novas áreas de cultivo, e também alavancou a exportação, embora o país ainda encarasse a atividade exportadora sob a ótica do escoamento de excedentes, a exportação começou um caminho ascendente tendo em vista a recessão econômica. (Jank, 2005)

Canuto, (2005), afirma que a década de 90 pode ser descrita como de choque de eficiência e competitividade. Resultante de um pesado ajuste que decorreu da desregulamentação dos mercados, do fim do crédito rural, do forte endividamento dos produtores com o “descasamento” de custos e preços, da abertura comercial e do controle da inflação.

Carvalho, (2002), menciona que o desempenho da pauta agrícola brasileira, a partir da década de 1990, mostra que o país adquiriu vantagem comparativa no comércio internacional. A expressão do desempenho positivo da pauta agrícola, registrado a partir desse período resultou, principalmente, no grande esforço exportador realizado pelo setor. A despeito de preços internacionais desfavoráveis, em grande parte da década de 1990, para os principais produtos da balança agrícola e do problema sobre a taxa de câmbio valorizada, houve crescimento sustentado dos volumes exportados.

A competitividade do setor foi reforçada pelos cálculos dos indicadores de posição e de vantagem comparativa revelados para 1986 e 1998, que mostram que cerca de 70% da pauta agrícola do país registrou situação favorável no mercado internacional, a despeito do forte protecionismo prevalecente. (Carvalho, 2002) Contribuíram para esse desempenho, entre outros fatores, a criação do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul), notadamente as trocas comerciais com a Argentina, a desoneração fiscal de exportações promovida sobre Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), no ano de 1996. - Lei

Kandir os avanços obtidos com a pesquisa tecnológica. Estes últimos resultaram em consolidação de ganhos de produtividade em áreas de exploração já existentes e nas



regiões de fronteira agrícola (destaque para o cultivo de soja), bem como na revitalização da produção agrícola em regiões tradicionais via substituição de culturas.

Em particular as políticas processadas a partir de 2002, configurou-se na aproximação do Brasil com o mercado internacional, resultando no momento que o país vive de competitividade e expansão da oferta no mercado externo com os significativos *superávits* comerciais atingidos..

3. Política Cambial Brasileira (1994-2004).

Pires de Souza (1999) sublinha que ninguém parece discordar da proposição de que a política cambial foi o pilar básico do Plano Real. Entretanto, estranha-se que a política cambial tenha sido percebida sempre como o alicerce principal do plano de estabilização econômica e ao mesmo tempo tenha mudado tanto.

A estratégia do Plano Real consistiu basicamente na fixação da taxa de câmbio, como âncora nominal dos preços, na ampla abertura financeira para facilitar o ingresso de capitais e na elevação da taxa doméstica de juros, como atrativo de novos capitais e elemento de contenção da demanda e dos preços internos. Fazia parte desta estratégia acelerar o processo de privatização, que funcionaria como estímulo aos investimentos externos e reforço fiscal do Caixa do Tesouro. (Aumara Feu,1999)

Ao implantar o Plano Real, a partir de meados de 1994, o governo baseou-se em um regime explícito e flexível de bandas cambiais. Este regime de bandas de flutuação representou a introdução de certa flexibilidade na taxa de câmbio nominal a fim de responder a mudanças nas condições externas e internas do país e manter o mercado informado do valor nominal e da taxa central da banda, de maneira a estabilizar as expectativas. Segundo Aumara Feu (1999) grande parte dos economistas considera ter ocorrido grande valorização cambial, em termos reais, no início da operação da âncora cambial. A consequente explosão nas importações brasileiras após 1995, bem como a crise cambial no México no final de 1994 (caso até então considerado como modelo de estabilização com base em ingresso de capital de curto prazo e valorização cambial), acendeu um debate sobre a sustentabilidade das políticas cambial e comercial vigentes.

A combinação de taxa flutuante com juros elevados, utilizada para fixar as bandas cambiais, conduziu, contudo, a uma apreciação do câmbio, deteriorando a balança comercial. Além disto, a política de juros elevados levou a um aumento da dívida interna, que com a crise financeira asiática e russa, no final de 97 e 98, respectivamente, afetou a confiabilidade dos investidores externos, ocasionando, então, a perda de reservas da ordem de US\$40 bilhões. Assim, com intuito de tentar conter a perda de reservas, em 13 de janeiro de 1999, o Banco Central ampliou a banda cambial e aumentou sua intervenção nos mercados (pronto e futuro). Outra medida tratou da unificação das posições de câmbio existentes nos dois segmentos, o livre, também chamado de "comercial", e o flutuante, conhecido como "turismo". Não havendo mais diferença, portanto, entre os dois segmentos na formação da taxa de câmbio e o custo oportunidade para celebração das operações de câmbio passou a ser o mesmo. (Aumara Feu,1999)

O "descasamento" entre os preços dos produtos, o comprometimento financeiro dos produtores, a sobrevalorização cambial, após a introdução do real e os juros elevadíssimos provocaram uma crise de rentabilidade no setor, forçando os produtores sobreviventes a se tornarem mais eficientes. A produção agropecuária e o setor de alimentação funcionaram



como uma importante “âncora verde” do processo de estabilização da inflação. (Jank, 2005)

A construção da estabilidade a partir do Plano Real foi em grande parte apoiada sobre uma oferta de alimentos a preços que não remuneraram adequadamente os produtores, que já vinham carregando um endividamento de anos anteriores, quando a taxa de inflação era elevada.

O endividamento rural atingiu o seu auge, pois os débitos eram corrigidos com base na taxa referencial (TR), calculada sobre os índices de inflação, bastante elevados antes da implementação do plano. Em 1995, os produtores reclamaram medidas para alongar as dívidas rurais, concorrendo no ano seguinte, com o processo de securitização das mesmas. De todas as formas no período 1990-99, marca o crescimento de produtividade observado no setor, principalmente no que se refere à incorporação de tecnologia, ascensão a mercados, que teve o seu momento de inflexão a partir da desvalorização do real em 1999. Neste item o aumento do consumo interno, a China e outros países asiáticos entraram no mercado comprando grandes volumes de alimentos. Processou-se, portanto, ganhos de eficiência (produtividade e exploração de economias de escala), seguido de moeda desvalorizada e forte demanda externa que promoveu conjuntamente um enfrentamento ao aumento dos subsídios internacionais. (Jank, 2005)

De 1999 em diante, começou de fato o ciclo de ouro: a desvalorização da moeda somou-se à crescente demanda asiática por alimentos, sobretudo na soja e nas carnes (Polaquini e Souza, 2004). Segundo Carvalho (2005), identifica-se o período de julho de 1994 a dezembro de 1998 como de grande valorização cambial e as contas do balanço de pagamentos confirmam *déficits* comerciais significativos nessa etapa. Seguiu-se a adoção do regime flutuante acompanhado de expressivos superávits comerciais e taxa de câmbio real predominantemente depreciada em relação ao momento do Plano Real. Da comparação desses períodos, observou-se que de uma taxa de câmbio média de 88,9 (jul./94 a dez./98), passou para 107,7 (jan./99 a out./04), resultando em desvalorização real de 21,1%. Como esse nível de desvalorização, em cuja composição predomina bens comerciáveis, reverteu-se a posição deficitária da balança comercial para a geração de *superávits* recordes.

Para o autor a tendência observada nos últimos meses de 2004 era preocupante: entre junho e outubro o índice acumulou 11,1% de valorização. Nesses meses o saldo da balança comercial, embora continuasse superavitário, mostrou alguma redução e a continuidade dessa tendência poderia resultar em *déficits* comerciais em pouco tempo. Uma vez que o Brasil precisa de *superávits* para honrar seus compromissos, não poderia permitir maior apreciação da moeda nacional, o que seria desastroso para a economia como um todo e em particular para a agricultura, maior responsável por saldos comerciais positivos. (Carvalho, 2005)

No entretanto, no ano 2005 tal perspectiva não se confirma pois o país fechou o balanço com recorde de *superávit* de US\$ 44,764 bilhões, em comparação aos US\$ 33,662 bilhões do ano 2004, (SISCOMEX, 2006), mantendo uma projeção de *superávit* de US\$ 35,5 bilhões para 2006, o que significa que os setores produtivos brasileiros efetivamente ganharam competitividade no mercado internacional. (Folha Online, 2006)



4. Avicultura de Corte

O bom desempenho nos mercados (interno e externo) pôde ser alcançado por meio de duas estratégias: a redução do custo das matérias-primas e o atendimento das necessidades específicas dos consumidores (em ambos os mercados).

O grau de articulação entre os diferentes elos do complexo agroindustrial avícola de corte é um dos mais elevados no agronegócio nacional. Sob a coordenação das agroindústrias de abate e processamento, sobretudo através dos contratos estabelecidos com a base de produção rural para terminação de frangos, estabelecidas com grandes empresas multinacionais de desenvolvimento genético, este circuito de produção agroindustrial atingiu elevados patamares de desenvolvimento ao longo dos últimos 30 anos, permitindo que o produto frango se incorporasse ao hábito alimentar de grande parcela da população. (Martinelli e De Souza, 2005)

São fatores relevantes para competitividade do setor: preço, qualidade, sanidade dos produtos e a capacidade de adaptação do subsistema produtivo às exigências dos diferentes segmentos de consumidores no mercado internacional. Estes fatores estão relacionados, em parte, ao grau de coordenação da cadeia agroindustrial, a uma forte estrutura contratual, que viabiliza a obtenção regular e padronizada de matéria-prima e permite planejar as exportações com antecedência e executá-las com eficiência. A regularidade no fornecimento e produção de grãos é fator chave para o desempenho e equilíbrio do segmento. O posicionamento competitivo das empresas avícolas nacionais no comércio internacional tem sido influenciado, de modo crescente, por políticas protecionistas adotadas por alguns países. (Martinelli e De Souza, 2005)

As questões relacionadas ao controle da sanidade sobre produtos de origem animal, e, conseqüentemente a qualidade dos alimentos, tem influenciado sobretudo a dinâmica do comércio mundial de carne de aves, estabelecendo novos parâmetros de competitividade associados aos processos de certificação, como a *International Organization for Standardization* (ISO) e adoção de métodos de controle, como o *Hazard Analysis Critical Control Points* (HACCP). A questão ambiental também tem recebido maior atenção nos dias atuais. Problemas de contaminação do ambiente podem ocorrer em função da criação de aves e seu processamento, tanto pela deposição indevida de resíduos das granjas, que comprometem o ecossistema, como os resíduos do processamento industrial. (Martinelli e De Souza, 2005)

Na questão sanitária, a rastreabilidade do produto é ponto fundamental para aquisição de mercados e da confiança dos compradores internacionais. Norte-americanos e europeus detêm competências em áreas que o Brasil ainda é vulnerável, caso das tecnologias relacionadas ao processo e a embalagem do produto, e também as biotecnologias ligadas às esferas do material genético, sanidade e na criação do animal. Nos países desenvolvidos, os órgãos governamentais e as instituições de pesquisa possuem relativa importância no desenvolvimento do setor, realizando pesquisas nos diferentes elos.

Na produção, predomina um forte modelo de integração com o fornecimento de insumos pelas grandes empresas de genética, nutrição e medicamentos. Na comercialização, todas, em diferentes proporções e características dos produtos, são empresas exportadoras, produzindo e processando o frango inteiro, cortes e produtos industrializados.

Esse encadeamento de fases e seus atores constituem um sistema conhecido como “Sistema Integrado”. Desenvolvido pela agroindústria, o sistema de integração é também fator responsável pela conquista de bons resultados da avicultura.



Segundo Batalha & Souza Filho (2001), em nível internacional, o complexo agroindustrial avícola tem se apresentado mais dinâmico que os das demais carnes (bovina e suína). A produção de carne avícola tem se expandido em 5,6% ao ano desde meados da década de 80, impulsionada pelo progresso tecnológico associada às mudanças nos hábitos de consumo.

Segundo Jank (1996), as maiores empresas brasileiras operam com plantas industriais semelhantes as das empresas americanas, em termos de escala e nível tecnológico. Apesar dos volumes totais produzidos pelas empresas nacionais serem menores, o tamanho médio das plantas é semelhante (abate em média 250 a 400 mil aves/dia), fazendo com que o fator escala não justifique o nível de competitividade.

A etapa que interage tecnicamente com o sistema de produção e esmagamento de grãos é a de fabricação da ração, que, no caso das líderes, é integrada verticalmente em função das características que qualificam esse insumo.

O controle do processo produtivo nessa etapa garante um fluxo estável de processamento nas demais etapas a jusante. Há, necessariamente, um envolvimento de ativos específicos do tipo local, pois as unidades produtoras de concentrados e ração devem estar próximas das atividades de criação, em função dos custos de transportes envolvidos na obtenção dos insumos e de fornecimento do produto para os produtores rurais que operam na parceria. (IPARDES, 2002)

A relação entre a expansão das culturas de soja e milho e a expansão da avicultura de corte e, por conseguinte, a desconcentração espacial da indústria da carne de frango, é muito estreita e explica, em parte, a viabilidade que a indústria processadora de frango teve a partir de uma oferta abundante de grãos destinados à fabricação de ração, principalmente nas regiões Sul e Sudeste do país e recentemente a incorporação da região Centro-Oeste no mapa da cadeia. (IPARDES, 2002)

As culturas de milho e soja formam os principais insumos da cadeia produtiva, e o processamento do farelo de soja e a produção da ração são incorporados pelas firmas por meio do processo de integração vertical, cuja origem parte dos processadores da carne de frango. O aspecto mais relevante no tocante ao suprimento de insumos é o de que as firmas líderes passaram a buscar integração vertical em quase todas as etapas, desde a produção de insumos, processamento da carne e de subprodutos até a distribuição dos produtos. (IPARDES, 2002)

O fornecimento de insumos, tanto alimentares quanto veterinários, é conduzido diretamente pelas empresas integradoras, embora o mecanismo regulador presente na obtenção de produção de grãos pelos criadores seja o próprio mercado. Isso está diretamente relacionado com o fato de a agroindústria processadora da carne de frangos sair da etapa de esmagamento da soja, desmobilizando capital em uma área que não faz parte de seu "core business".

Entretanto, isso só foi possível à medida que as firmas passaram a perceber que não teriam dificuldades no fornecimento dessa matéria-prima para a atividade de produção de rações. Problemas oriundos de flutuações nos preços dessa matéria-prima e de redução da sua oferta poderiam implicar num entrave sério de abastecimento e em elevados custos que poderiam comprometer drasticamente a rentabilidade das demais etapas do sistema.

Referindo-se ao campo mercadológico, analistas do mercado agropecuário ressaltam que para 2004, o maior gargalo deve ser o aumento dos custos de produção decorrentes da oferta de milho no mercado interno. O cereal corresponde aproximadamente a 60% do custo total da ração. (Martinelli e De Souza, 2005)

5. Materiais e métodos

Os dados que demonstram a evolução da produção de frango foram obtidos a partir do Anuário da Pecuária Brasileira (ANUALPEC), tendo com fonte o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), e são apresentados com médias anuais, abrangendo os anos de 1994 a 2004, para os dados de exportação de frango se utilizou-se os dados da Associação de exportadores de frango (ABEF). Para a evolução da taxa de câmbio (Efetiva Real) se utilizou-se dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Os dados foram tabulados, atualizados segundo o índice do IGP-DI (FGV) e são apresentados em gráficos e tabelas.

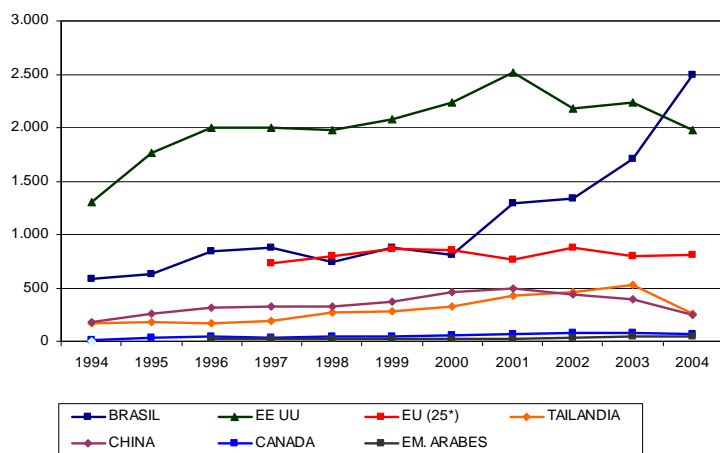
6. Resultados e Discussão

Política Cambial No Plano Real e Exportação Avícola

Nos anos 90, a abertura econômica resultou em crescentes importações. A renegociação da dívida externa e um novo e intenso fluxo de ingresso de capital de curto prazo retiraram os *megasuperávits* comerciais da agenda de prioridades dos formuladores de política econômica. A partir de meados de 1994, a âncora cambial instituída pelo Plano Real passou a cumprir papel importante na política de combate à inflação, pressionando para baixo os preços dos bens comercializáveis.

Durante a trajetória do Plano Real aconteceram diversas crises mundiais como a crise cambial no México no final de 1994, no período de 1997 teve início a crise dos países do sudeste asiático, seguida da crise da Rússia em 1998, Brasil em 1999 e Argentina em 2000; fazendo com que a política cambial se ajustasse aos acontecimentos mundiais, inicialmente com uma balança comercial em déficit para uma com superávits.

Figura 1- Exportações mundiais de frango (Mil toneladas) 1994-2004



União Europeia (15) é composta por 15 países (1996 a 1998); União Europeia (25) composta por 25 países (a partir de 1999)

Fonte: USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos)

O aumento no consumo de carne de frango, nas últimas décadas, é decorrente de diversos fatores: de um lado, as estruturas produtivas e de distribuição vêm possibilitando elevadas taxas de conversão de proteína vegetal em animal, a custos cada vez mais baixos. De outro, do ponto de vista da demanda, há vários fatores, como: i) mudanças nos hábitos



alimentares, em virtude da preocupação com a redução do consumo de carnes de elevados teores de gordura, favorecendo a avicultura; ii) produto com baixo preço e produzido em larga escala, capaz de atender todo tipo mercados. (Ortega, 2000).

Os ganhos de escala e de coordenação obtidos através de um processo de integração vertical no complexo avícola ocasionaram um aumento das suas competitividades inclusas nas possibilidades de diversificação da produção e de diferenciação do produto.

A tendência de desenvolvimento da produção e comércio avícolas têm origem na perspectiva de expansão da população mundial. O Brasil tem obtido sucesso na conquista do mercado externo, isso ocorreu pela competitividade de seu produto e também em função de fatores ocasionais como o caso da vaca louca, esses eventos de grande incerteza prejudicaram o mercado de outras carnes.

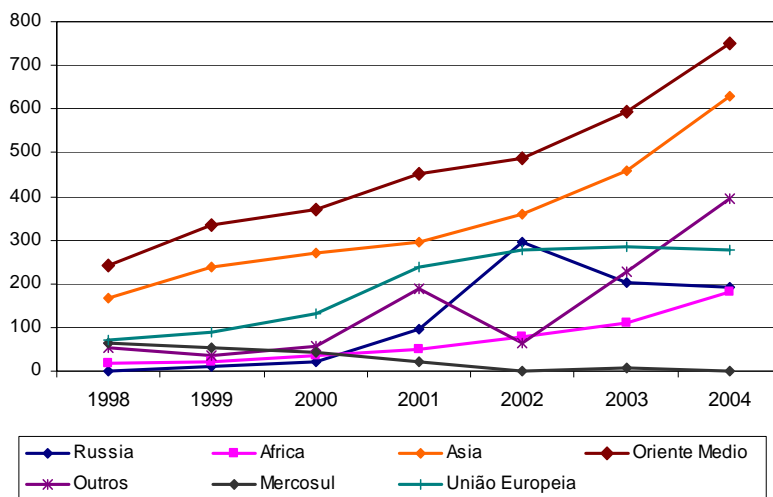
O Brasil expandiu mercado devido ao cambio favorável, a abertura de novos mercados, à ocorrência de surtos de Influenza Aviária em várias partes do mundo e persistência do vírus na Ásia. (Agroanalysis, 2004)

O Brasil oferece uma ampla gama de produtos, desde frangos inteiros para Oriente Médio até os cortes e produtos industrializados para os exigentes mercados japonês e europeu. No Oriente médio o Brasil continua ampliando suas vendas, graças ao aumento da demanda e maior competitividade. Os embarques brasileiros foram favorecidos pelos estoques preventivos à guerra com Iraque, formados por alguns países do Oriente Médio, além da rejeição ao produto norte americano como se apresenta na fig. 2.

A razão principal para a diminuição dos embarques norte-americanos está na redução das importações pelos países asiáticos (Hong Kong/China, Coréia do Sul e Japão) e, em menor extensão, pela Rússia este último pelas restrições da ocorrência de surtos de Influenza Aviária em vários estados.

A crise da Influenza Aviária na Ásia teve um grande impacto no comercio global. Exportações tradicionais como Tailândia e China desapareceram no comercio internacional, particularmente no mercado de carne crua e aves vivas, causando uma temporária falta de carne no mercado global; com a queda das importações para o Japão e Europa.

Figura 2 – Principais Importadores de frango Brasileiro (Mil toneladas) 1998-2004



Fonte: Instituto FNP/SECEX/DECEX

A indústria avícola brasileira alcançou destaque no âmbito internacional consolidando-se como o segundo maior produtor e exportador mundial de carne de aves, somente atrás dos Estados Unidos. Em uma década o país mais que duplicou sua produção, apresentando um crescimento de aproximados 223 % entre 1993 e 2002. Nos últimos três anos cerca de nove (9) bilhões de frangos foram produzidos e abatidos no país, dos quais 3.6 bilhões em 2002. Este bom desempenho garante ao Brasil uma participação de aproximados 16% no total da produção mundial. No Mercosul o Brasil responde por cerca de 80% da produção (ABEF, 2002). Em 2004, o país superou as exportações americanas tornando-se o primeiro exportador mundial. Segundo a Secex (2004), o frango já é a terceira entre as 22 *commodities* exportadas, somente superado pelo minério de ferro e a soja em grão. Na pauta geral das exportações, ocupa a 6ª posição com participação de 2,6%. Direcionadas a 141 países, as vendas somaram divisas de US\$ 2,6 bilhões (ABEF, 2004).

O posicionamento competitivo das empresas avícolas nacionais no comércio internacional tem sido influenciado, de modo crescente, por políticas protecionistas adotadas por alguns países.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC, 1999), os entraves decorrentes das políticas protecionistas praticadas pelos países podem ser resumidos em três grupos mais comuns: Barreiras tarifárias (tarifas de importação, novas taxas e valoração aduaneira); Barreiras não-tarifárias (Imposição de quotas, restrições quantitativas, licenciamento de importações, procedimentos alfandegários, medidas *antidumping* e compensatórias); Barreiras técnicas (normas e regulamentos técnicos, regulamentos sanitários, fitossanitários e de saúde animal).

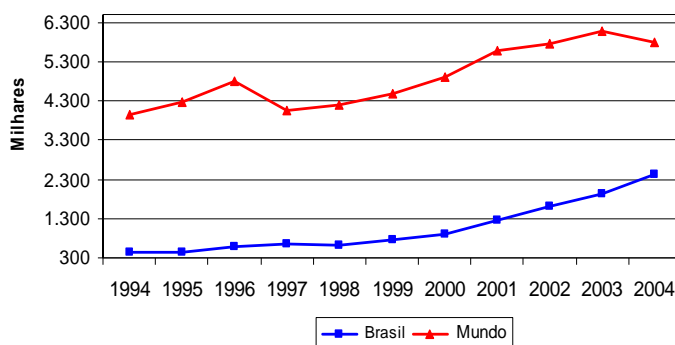
No ano de 2002 a União Européia mudou de legislação sanitária, tornando-se mais restritiva, esse ano foram encontradas traços da substância nitrofurano, um antibiótico proibido pelo setor de alimentos da EU, que determinou redução nas exportações para esse mercado.

A adoção do regime de cotas por Rússia provocou redução nos embarques do produto brasileiro, em relação a 2003. Da mesma forma, no segmento de cortes de frango

houve, sobre 2003, queda de 6,96% nas vendas brasileiras, que ficaram limitadas, mesmo assim para o Brasil manteve o perfil das exportações. (ABEF, 2005)

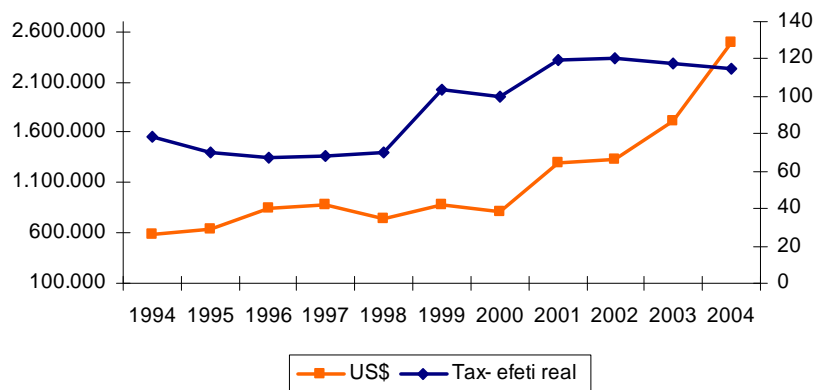
No Mercosul o Brasil responde por cerca de 80% da produção (ABEF, 2005), a exportação de frango inteiro, teve um declínio em 2003 em função da queda nas vendas para a Argentina. As 752 toneladas embarcadas representaram uma redução de 61% sobre o ano anterior.

Figura 3 - Market Share das Exportações brasileiras e mundiais de frangos 1994-2004



Fonte: USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos)

Figura 4 - Evolução da taxa Efetiva Real (media 2000=100) e Exportações de frango (US\$ milhões) 1994-2004.



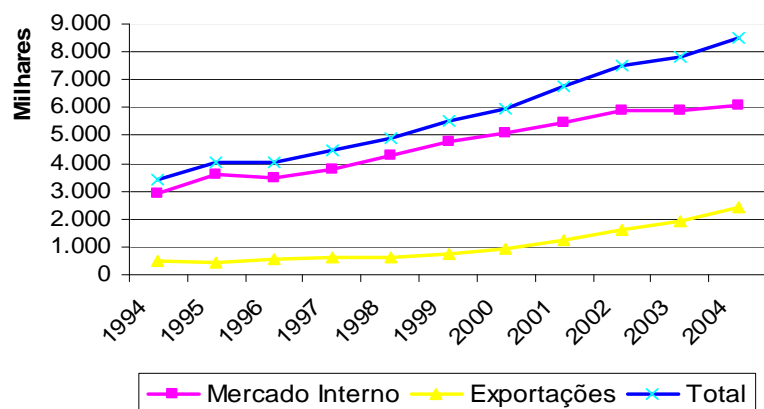
Fonte: Ipeadata Mapa

Em 1996 o país exportou 568,8 mil/t, mas nos dois anos anteriores, 1994 (481,03 mil/t) e 1995 (428,99 mil/t), a implantação do Plano Real expandiu a demanda interna e

absorveu parte do produto exportável, em um momento de moeda nacional valorizada, e o volume recuou em 1995, num dos poucos retrocessos do setor nesses 30 anos.. Os índices mais significativos

Dado o fato que a política cambial, entre 1994 e 2004 teve uma sequência de valorizações e desvalorizações administradas por intervenções do Banco Central, para minimizar as especulações da moeda brasileira sobre a política econômica em curso. Este período pode ser determinado por três períodos:

Figura 5 – Evolução da produção de Frango (mil Ton/ US\$) 1994-2004



Fonte: Abef 2005

O primeiro período de 1994-1997 - o maior impacto do modelo cambial adotado em 1994 foi sobre as contas externas; a Balança Comercial passou a registrar sucessivos déficits, até janeiro de 1995, observou-se uma acentuada valorização do câmbio e uma maior abertura da economia, causando uma maior exposição da produção nacional à oferta de bens e serviços de origem externa. A estratégia contribuiu para o combate à inflação, que também esteve influenciada pela crise mexicana, em 1995. As exportações brasileiras ainda enfrentaram uma série de restrições e dificuldades para serem absorvidas pelo mercado internacional, como se apresentam nas exportações de frango figura 3 e 5, e denotam a importância do mercado interno nos primeiros anos do plano de estabilização.

O quadro se modifica a partir de 1996. Por um lado, a desinflação continua mas por outro, a trajetória de crescimento e desconcentração da renda é interrompida. A estabilidade monetária não é acompanhada por uma efetiva estabilidade econômica, pois o nível de atividade passa por várias mudanças abruptas, as exportações começam um crescimento ascendente como efeito da Lei Kandir que desonera as exportações. De todas as formas o período apresenta uma trajetória de baixo crescimento em período de câmbio fixo-ajustável com uma banda de flutuação móvel, fortemente marcado pela valorização da moeda nacional.

Segundo período 1997-1999 - até meados de 1997 a taxa de câmbio era valorizada e pouco influenciada pelas condições externas. Depois da crise dos países do sudeste asiático (Tailândia, Coreia, Indonésia e Hong Kong) em 1997, da Rússia em 1998, e em seguida atinge o país. No ano de 1998, o país sofreu um forte ataque especulativo contra o real, obrigando o Banco Central a utilizar as reservas cambiais para tentar manter o equilíbrio cambial, sobretudo em um período pré-eleitoral, dado que o fluxo de recursos financeiros internacionais haviam minguado em função da própria crise internacional. Em dezembro de



1998, o Banco Central, já no limite de suas reservas, anunciou sua retirada do mercado cambial, ou seja, o regime de câmbio fixo foi abandonado; adotando-se um modelo flutuante (*dirty floating*) o processo de crescimento mundial foi revertido e o ingresso de capitais externos no país reduziu-se drasticamente. A mudança na política cambial ocorreu em janeiro de 1999, o regime de câmbio flutuante reproduzia a experiência internacional concorrendo com uma imediata e significativa depreciação da taxa de câmbio, seguida de um recuo parcial e, algum tempo depois, de uma relativa acomodação.

Isso não teve um reflexo imediato sobre as exportações brasileiras de frangos, pois a falta de definição do futuro da economia nacional frente à sustentação da política econômica em vigor tornou necessária a redefinição de algumas táticas e operações das firmas brasileiras.

O terceiro e último período de 2000 ao 2004,- nos dois primeiros anos transitava a economia brasileira em tentativas de ajustes internos, marcados fortemente por um processo de recessão que orienta a produção nacional para o incremento das exportações de frango, diante da crescente demanda internacional. Entretanto, nota-se uma tendência de correlação entre o crescimento das exportações desse produto e a desvalorização da taxa de câmbio. A desvalorização cambial se coaduna com a recessão interna e tornam-se incrementos à exportação seguidos dos ganhos de competitividade do setor.

Nos dois anos posteriores a valorização da taxa de câmbio produz análises de queda nos superávits comerciais, mas as transformações nas bases produtivas brasileiras e demanda externa mantiveram a continuidade da expansão das exportações e, conseqüentemente, superávit no balanço comercial.

Apesar da valorização da moeda brasileira diante do dólar americano ter uma tendência crescente nota-se uma volatilidade muito grande. Há períodos de forte e contínua desvalorização seguido de um ganho de valor da moeda local. Essa volatilidade se explica pela importância da definição da taxa de câmbio para a política econômica brasileira e pela mudança de expectativas para investimentos estrangeiros. No segmento de aves, as projeções de aumento nas exportações são favoráveis, motivadas pelos fortes problemas sanitários ocorridos em plantéis dos países produtores e exportadores de frangos que atenua as condições de apreciação da moeda.

7. Conclusão

A produção avícola vem mediante inovação tecnológica, melhoramento genético, sanidade e nutrição, constituindo um forte modelo de integração vertical com empresas de fornecedores insumos, genética etc. Ademais a produção de escala facilitou o abastecimento do mercado exterior com menor custos de produção.

Ao início do Plano Real, a produção de frango direcionou-se ao consumo interno, um fator que não se dissocia de uma valorização da renda da população combinada com uma situação de moeda nacional apreciada, mas que permitiu à indústria avícola incrementar sua produção. Nos anos de 1994 e 1995 as exportações apresentaram-se constantes, nos três anos seguintes se observa um pequeno crescimento das exportações marcada por tendências recessivas internas e política fiscal exportadora. A partir do ano de 1999 se processa uma alteração na política cambial de fixa com banda para uma taxa flutuante administrada, atrelada a desvalorização cambial expressiva para o período de estabilização, quando se processa um aumento significativo das exportações de frango, que manteve-se progressivo até o ano de 2004, mesmo com um processo de apreciação da moeda nacional, mas que se coaduna com o aumento da demanda internacional e dos



problemas sanitários que passam a afetar as produções concorrenciais, particularmente as da Ásia.

8. BIBLIOGRAFIA

- ABEF - **Associação Brasileira De Exportadores De Frango**. Relatórios estatísticos. Disponível em: www.abef.com.br Acesso em: Dezembro, 2005.
- AGROANALYSIS. Reportagem Especial. Avicultura de Corte. SP, v.20, n.08, pp 12-38. ago. 2000
- AGROANALYSIS. Avicultura. Revoada na Demanda. SP, v.22, n.02, pp 27-32. feb. 2002
- AGROANALYSIS. Avicultura. Saudável Desempenho. SP, v.23, n.05, pp 12-21. ago. 2003
- AGROANALYSIS. Avicultura. Liderança do Frango. SP, v.24, n.10, pp 23-24. out. 2004
- AVICULTURA INDUSTRIAL. Reportagens especiais: agroindústria. Disponíveis em: <http://www.aviculturaindustrial.com.br/>. Consulta realizada em dezembro de 2005.
- BATALHA, M. O.; SOUZA FILHO, H. M. A indústria de carne no Brasil e no mundo: panorama setorial e principais empresas. São Carlos: FINEP, GEEIN-UNESP, 2001. Disponível em: www.finep.gov.br
- CANUTO, O. Comercio Exterior . Ministério de Relações Exteriores Acesso em: www.mre.gov.br 2005
- CARVALHO, M. A. et al. Liberalização Comercial e Competitividade da Agricultura Brasileira. Passo Fundo, Anais do IL Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2002
- CARVALHO, M. A.; Taxa de Câmbio e Saldo Comercial Brasileiro. **Informações Econômicas**, SP, v.35, n.2, fev. 2005
- FEU ALVIM A. B. Política Cambial Brasileira. **Economia & Energia**. Ano III- n 15 Julho/Agosto 1999.
- FRANÇA, L.R. **A reestruturação produtiva da avicultura de corte: Rio Verde (GO) e Videira (SC)**. Jaboticabal-SP. Faculdade de Ciências Agrárias/UNESP, 2006 (Tese de Doutorado).
- JANK, M. S. & NASSAR, A. M. Competitividade e Globalização. Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares. Décio Zylbersztajn & Marcos Fava Neves organizadores. São Paulo: Pioneira, 2000. Pp. 137-163.
- JANK, M. S. Agronegócio e Comercio Exterior Brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.64, p. 14-27, dezembro/fevereiro 2004-2005.
- MARTINELLI O. & DE SOUZA J. M. **Relatório Setorial - Final** DPP/FINEP. São Paulo: DPP/FINEP, 2005.
- PIRES DE SOUZA F. E; A Política de Câmbio do Plano Real (1994-1998) especificidades da âncora brasileira. Instituto de Economia Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1999
- SOUZA FILHO, H. M. ; SILVA, A. L. ; PAULILO, L. F. ; AZEVEDO, P. F. ; ALCÂNTARA, R. L. C. ; NANTES, J. F. D. ; BATALHA, Mário Otávio . Análise da Competitividade da Cadeia Agroindustrial de carne de frango no estado do Paraná. 2002.
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Análise da Competitividade da Cadeia Agroindustrial de Carne de Frango no Estado do Paraná**. Curitiba, 2002. 230p.
- SPOADOR, F. H. & FONTANA F. C.; Exportações do Agronegócio e a Valorização Cambial. **CEPEA** www.cepea.esalq.usp.br Acesso em: Dezembro, 2005